UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA · CINE-THEATRO CENTRAL

PALCO

JUIZ DE FORA, MAIO, 2010. ANO II. Nº 15

CENTRAL MAIS CONFORTO E QUALIDADE

No encerramento das comemorações de seus 80 anos, o Cine-Theatro Central recebeu um grande presente – a maior reforma implementada no teatro desde 1996. A Universidade Federal de Juiz de Fora, através do Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho e da Pró-Reitoria de Cultura, investirá ao longo de 2010 mais de R$ 800 mil na recuperação da estrutura física e artística do Central. Este investimento, que envolve recursos da União, será constatado tanto pelo público quanto pelos artistas que passam pelo Central. Segurança, conforto e qualidade da infraestrutura são o mote da reforma, que não intervirá no calendário de apresentações.

Na primeira fase da reforma, o sistema elétrico é prioridade. O fiscal da Pró-Reitoria de Infraestrutura da UFJF, Max Bronzato, elaborou o diagnóstico e as especificações técnicas da reforma elétrica do prédio, que tem custo total estimado em R$ 300 mil. Um dos pontos essenciais da reparação do sistema, segundo ele, é a substituição dos cabos elétricos por outros mais novos, livres de gases tóxicos – no Central ainda era usado o modelo antigo. De acordo com Bronzato, as melhorias são fundamentais para o funcionamento de equipamentos de som e luz mais potentes.

A empresa vencedora da licitação pública, Projettare, ficou responsável ainda pela substituição de tomadas antigas, instalação de cabo-terra e readequação de alimentadores e quadros de distribuição elétricos – mudanças exigidas pelos órgãos de segurança. Foram realizadas ainda as instalações de proteção mecânica e de acionamento de *no-break* com autonomia de duas horas, um equipamento indispensável a uma casa de espetáculos como o Central.

Parte dos recursos disponibilizados pela Universidade à Pró-Reitoria de Cultura foi destinada também à implementação do sistema cenotécnico. Cerca de R$ 125 mil serão investidos na melhoria da infraestrutura artística da casa. Novos equipamentos serão trocados, como varas cênicas, carrinhos de contrapeso e manopla de controle, que permitem o movimento de elementos cenográficos. Serão ainda adquiridas pernas, rotundas e bambolinas, conhecidas por "vestimentas do palco", que servem para enquadrar o espetáculo e contribuirão para a melhoria da infraestrutura artística e técnica das apresentações.

Em torno de R$ 65 mil devem ser investidos na implantação de um sistema de som básico – consoles de som digital, caixas amplificadoras, entre outros equipamentos, que antes precisavam ser alugados pela casa. O investimento resultará em economia futura. A Pró-Reitoria de Cultura deverá ainda utilizar parte dos recursos angariados na implementação do sistema de iluminação e manutenção de áreas com sinais de deterioração, como algumas pinturas decorativas próximas à plateia.

IDENTIDADE

A reforma que trouxe o Cine-Theatro Central de volta à vida cultural da cidade, em meados dos anos 1990, contemplou a recuperação do telhado, da fachada e da pintura artística de Angelo Bigi no interior do edifício. Agora, espaços como banheiros e camarins receberão maior atenção. "A maioria dos sanitários já havia sofrido reformas e alterações anteriores à restauração [de 1996] sem nenhum critério, que contribuíram ainda mais para a desfiguração dos ambientes. Existem, por exemplo, divisórias feitas em ardósia em diversos pontos", explica o arquiteto Rogério Mascarenhas, responsável pelo projeto de restauro dos banheiros e camarins.

A proposta do arquiteto para o restauro dos banheiros e camarins foi acompanhada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). "No projeto, foram utilizados materiais que reforçam a identidade e a época em que nosso teatro foi construído", informa Rogério Mascarenhas. Materiais já presentes nesses ambientes, como janelas de madeira com venezianas e o ladrilho hidráulico, serão utilizados, além da recuperação das louças originais. "Algumas sutis interferências modernizantes serão adotadas para oferecer maior conforto, segurança e economia, como torneiras automáticas (mais ecológicas) e uma iluminação mais eficiente", justifica Mascarenhas. Juntos, os reparos que serão realizados nos banheiros e camarins devem somar um investimento de mais de R$120 mil.

Em visita ao Cine-Theatro Central, Mário Ferrari, chefe do Escritório Técnico do IPHAN de São João del-Rei, avaliou os ambientes que deverão passar pela reforma. "Essas ações são necessárias para a adequação do teatro, com condições de conforto para os artistas e para o público", analisa. A proposta deve ainda passar pela aprovação do órgão antes de sua execução. Ferrari explica que os quase dez camarins já passaram por modificações anteriores e não são mais os originais e, por isso, a adequação com materiais e elementos arquitetônicos contemporâneos não competirá com a estrutura histórica do edifício. "A grande questão da preservação do patrimônio histórico é mantê-lo vivo, funcionando e exercendo a função para qual foi edificado."

MF

NESTA EDIÇÃO

AMERICA CANTAT
FESTIVAL DE VOZES

MORRO DO CRISTO
RELIGIOSIDADE E MODERNIDADE

ENTREVISTA
LEDA NAGLE

FAYGA OSTROWER
A ARTE DE UMA AMIZADE

JUIZ DE FORA
PASSADO, PRESENTE E FUTURO

HISTÓRIA
A TRAJETÓRIA DA CONSOLIDAÇÃO

CENTRO
COFIGURAÇÃO DA DIVERSIDADE

AMERICA CANTAT INTERCÂMBIO MUSICAL

Um festival de vozes aporta em Juiz de Fora. Entre os dias 7 e 15 de maio, a cidade sedia um dos mais importantes encontros internacionais de coral, o *America Cantat 6*. Palco de abertura do evento, o Cine-Theatro Central será um dos cenários principais em que coros, cantores e maestros se apresentarão.

Criado há 18 anos pela Asociación Argentina para la Música Coral (AAMACANT), o *America Cantat* passa por sua primeira visita ao Brasil. O convite para que Juiz de Fora sediasse este ano a sexta edição do festival foi intermediado pelo regente do Coral Universitário, André Pires. "Durante um contato com Oscar Escalada, ele me perguntou se a UFJF se interessaria em sediar o *America Cantat* em 2010", explica André.

Nomeado representante da instituição, André Pires esteve em Havana para requerer a candidatura brasileira, disputada ainda por Chile e Colômbia. Ratificada a escolha de Juiz de Fora como cenário para o *America Cantat 6*, foram criados dois comitês, um organizador e outro artístico, em que foram incluídos representantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, bem como membros diretores da AAMACANT e os maestros Eduardo Lakschevitz e Roberto Fabri.

"A expectativa é de que tenhamos em Juiz de Fora e no Brasil um dos mais importantes encontros de músicos ligados ao canto coral das americas e certamente será o mais expressivo evento internacional de coros já ocorrido no nosso país, com projeção para os quatro cantos do mundo", aposta Fabri. A proposta do evento é justamente esta: o intercâmbio cultural por meio do canto, das apresentações e do convívio e de trocas. Para Ricardo Denegri, diretor da AAMACANT, a edição brasileira do festival contará, sem dúvida, com "a qualidade e a alegria que o país oferece a todas suas realizações", elogia.

Na noite do dia 7, o Coral Universitário dará início ao festival com uma apresentação especial. O grupo fará a "reestreia" de uma *Fuga* de Villa-Lobos, datada de 1946. Só há registro de uma única apresentação da peça, quando regida pelo próprio compositor, que a dedicou à sua esposa. Original para coro à capela a quatro vozes, André fez complementações para que a partitura pudesse ser vocalizada. "Essa será a grande estrela do nosso repertório, uma bela obra de nosso compositor maior, ressuscitada após 64 anos de ostracismo nos arquivos da Biblioteca Nacional", aposta.

Além dos concertos realizados pela cidade, os participantes do *America Cantat 6* podem integrar Oficinas de Preparação de Obras (OPO), eventos culturais e sociais e mesas-redondas. Para André Pires, o evento deve servir de estímulo para corais amadores que também podem participar de oficinas temáticas oferecidas pelo festival. Todas as apresentações são abertas ao público e gratuitas, garantindo a participação também da população no festival. "A plateia juiz-forana de música terá a oportunidade de assistir a inúmeros concertos, vespertinos e noturnos, de grupos oriundos de vários países da America Latina, como Argentina, Venezuela, Bolívia, Brasil e México." Um festival que é também uma confraternização, bem expressa em seu lema original: "Unamos nossas vozes em um canto fraternal."

HISTÓRIA

Mar del Plata, na Argentina, foi escolhida a primeira sede do *America Cantat*, realizado em comemoração aos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo às américas em 1992. O modelo foi inspirado pelo Festival Europa Cantat de Lucerna (Suíça), em que alguns dos fundadores do evento pan-americano estiveram presentes. Nesta primeira edição do *America Cantat*, já se podia notar seu traço universal com a participação também de corais europeus, além dos grupos americanos. A organização do segundo festival começou a ser delineada ainda durante o evento e foi também em solo argentino que o *America Cantat II* foi realizado, em 1996.

Quatro anos mais tarde, corais de todas as partes do globo aportavam em Caracas, na Venezuela, para o *America Cantat III*. O festival, tendo como palco principal o Teatro Teresa Carreño, trouxe novo fôlego para os grupos de coro do país, desenvolvendo núcleos de alta qualidade musical. Em 2004, o México trouxe novo colorido ao quarto festival de corais, compondo um quadro cultural em que houve espaço para corais eruditos e *mariachis*. A versão mexicana do *America Cantat* promoveu apresentações inéditas de compositores locais nos principais concertos, revelando ao mundo uma tradição quase desconhecida.

A partir do *America Cantat V*, houve uma diminuição do tempo entre as edições do evento, de quatro para três anos de intervalo. Por isso, em 2007, a cidade de Havana, em Cuba, foi palco de mais um bem-sucedido festival até então. Prezando pela qualidade artística dos grupos participantes e de suas inesquecíveis apresentações, o *America Cantat* promete repetir, agora em solo brasileiro, um espetáculo já tradicional.

MF

CONCERTOS NOTURNOS NO CINE-THEATRO CENTRAL:

07.05 **Coral Universitário**, André Pires – Juiz de Fora
Dá no coro, Sérgio Sansão – Rio de Janeiro
08.05 **Coral UNIFESP**, Eduardo Gonçalves Fernandez – São Paulo
09.05 **Aparcanto**, Mario Occhiuzzi – Uruguai
Vox Uomini (Coro Municipal), Domício Procópio – Juiz de Fora
10.05 **Boca que Usa**, Roberto Fabri – Niterói
11.05 **Staccato: Coro Universitário Estudiantil de la Universidad Nacional Autônoma de México**, Marco Ugalde – México
Coral Pró-Música, João Paulo Faza – Juiz de Fora
13.05 **Niños Cantores de Mendoza**, Juana Mauro – Argentina
Coral da Cesama, Carlos Alberto Romanelli – Juiz de Fora
14.05 **Concerto das oficinas**
15.05 **Concerto do Canto Comum**

OFICINAS:

Oficina de Canto Comum: Samuel Kerr (Brasil)
Ari Barroso, Cartola & Cia. (Música Popular Brasileira): Roberto Fabri (Brasil)
***Villa-Lobos & Cia.* (Música Erudita Brasileira):** Lincoln Andrade (Brasil)
***Tom Jobim & Cia.* (Bossa Nova):** Pablo Trindade (Uruguai)
***Astor Piazzolla & Cia.* (Tango, Candombe e Milonga):** Horacio Corral (Argentina)
***Duke Ellington & Cia.* (Jazz e Spirituals):** Philip Brunelle (Estados Unidos)
***El Son & Cia.* (Música Cubana):** Alina Orraca (Cuba)
***Jarabe, huapango & Cia.* (Música mexicana):** Jorge Córdoba (México)
***África & Cia.* (Música africana):** Lazare Ekwueme (Nigéria)

www.ufjf.br/americacantat

AMERICA CANTAT 6
JUIZ DE FORA · BRAZIL · 2010

MORRO DO CRISTO SOB OS BRAÇOS DO REDENTOR

Morro do Cristo, Morro do Imperador, Alto do Cristo, Morro da Liberdade, do Mirante... Muitas são as designações para o monumento erguido há mais de cem anos em homenagem ao Cristo Redentor em um dos pontos mais altos de Juiz de Fora. Morro do Redentor, porém, é o termo correto – segundo decreto municipal – para nomear a primeira imagem do Cristo construída no Brasil, edificada antes mesmo do monumento do Rio de Janeiro, inaugurado somente em 1931. Em 8 de julho de 1906, religiosidade e modernidade convergiram para a inauguração daquele que se tornaria um dos mais prestigiados pontos turísticos de Juiz de Fora.

Poucos sabem que o Cristo substituiu outro marco do catolicismo: em 1900, um Cruzeiro havia sido erguido no morro por um entusiasta dos movimentos religiosos, Francisco Batista de Oliveira, para comemorar a passagem para o século XX. Tendo adquirido o terreno no alto do Morro do Imperador – nome pelo qual foi chamado após visita de D. Pedro em 1861 –, a Associação Católica Pão de Santo Antônio, da qual Batista era membro, resolveu erguer a cruz que, simbolicamente, protegeria a cidade.

Naquela virada de século, uma das diretrizes da Igreja Católica previa a representação de Jesus de braços abertos, em contraproposta ao tradicional Cristo crucificado. No início do século XX, o movimento católico passava por momentos de reforma, resultando na perda da postura tradicional: pregava-se a imagem de um Cristo ressuscitado, simbolizando o salvador e vitorioso. Seis anos após o Cruzeiro ter sido erguido, ele dava lugar ao monumento que atendia aos novos valores do Catolicismo.

A imagem de três metros de altura foi encomendada a uma casa de Paris (*Maison Raffe*) e fixada sobre o monumento de 25 metros de altura construído pela Pantaleone Arcuri. Anos após a inauguração, o espaço foi valorizado com a construção de um formoso jardim que adequaria o *Cristo* para visitação. A imagem importada da França seria apenas uma das atrações que o Morro receberia no decorrer dos anos. Em 1968, o espaço ganhou o Mirante Salles de Oliveira, projeto arquitetônico audacioso de Jean Kamil. Houve ainda a instalação da torre de transmissão da antiga TV e Rádio Industrial, que, além de funcional, contava com tendências da arquitetura moderna.

A dificuldade de acesso ao local sempre foi motivo de discussões envolvendo a necessidade de investimentos no espaço. Ao longo de seus 100 anos, inúmeros projetos que jamais saíram do papel propuseram diferentes formas de se levar o público ao ponto turístico: construção de ascensor partindo da Rua Constantino Paleta, teleféricos no Parque Halfeld e no Campus da UFJF, instalação de via férrea e até de um elevador.

Apesar disso, o ambiente perfeito para tardes de piqueniques sempre encantou o juiz-forano e ainda atrai famílias inteiras nos finais de semana. Compositores de escolas de samba encontraram ali, na década de 40, refúgio para suas mostras competitivas. Já os militares usavam o espaço para comemorações do 1º de Maio, no regime militar.

Nos anos 80, o Mirante deu lugar a um restaurante com cozinha internacional, música popular brasileira e programação sofisticada. Na mesma década, o público jovem seria o privilegiado quando se inaugurou uma danceteria no alto do morro. Após o abandono de todo o entorno, projetos turísticos se tornaram comuns, com pretensões de construção de planetário, estação teleférica, hotéis, mais bosques e *playgrounds*.

Em 1990, o monumento ao Cristo Redentor foi tombado pelo município como patrimônio cultural da cidade, considerado o seu valor histórico-cultural, paisagístico e ambiental. Hoje, com a retomada da exploração comercial do restaurante, prevê-se a revitalização do local, incluindo iniciativas de ecoturismo e esportes para que o Mirante do Cristo Redentor se torne, novamente, um atrativo para o turismo juiz-forano.

GA

ENTREVISTA LEDA NAGLE

A juiz-forana Leda Nagle sempre quis ser jornalista. Formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1972, fez carreira no Rio de Janeiro, onde começou como repórter do jornal *O Globo*. Três anos mais tarde, foi convidada para trabalhar na TV Globo, na qual atuou como repórter, editora e apresentadora. Já trabalhou na TV Manchete, no SBT e no Canal GNT e, desde 1996, edita e apresenta o programa de debates *Sem Censura*, na TV Brasil.

Além de experiência nos jornais e na televisão, você lecionou durante muito tempo. O que os estudantes de hoje devem buscar para serem jornalistas do século XXI?

Com todas as mudanças que vêm acontecendo – sobretudo com o advento da internet –, o jornalista vai ter que buscar alternativas, mudar o olhar. Não importa mais apenas o "quê, quando, como, onde e porquê"; o profissional tem que ir além disso para fazer a diferença. Hoje, quando o jornal impresso chega na casa das pessoas, elas já leram tudo pela internet. O jornalista precisa ser mais interpretativo, buscar o personagem, conseguir o furo, fazer a entrevista sob novo ângulo. Por outro lado, as novas mídias também são facilitadoras, uma vez que ampliam o mercado de trabalho e o acesso à informação.

O que mais a fascina na profissão?

Dar a notícia e conversar com as pessoas. Atualmente, o que mais me fascina é mostrar como uma pessoa pode inventar o seu ofício, o seu emprego, a sua história, dar a volta por cima em uma situação adversa. O conhecimento também me fascina. Gosto de entrevistar uma pessoa que saiba tudo sobre determinado assunto, que foi a congressos, se atualizou, se formou, fez pós-graduação, doutorado. Procuro tirar do entrevistado o máximo de informação para meu espectador.

Você tinha alguma artimanha para driblar a censura na época do regime militar?

Sim, acho que eu tinha uma forma de falar, de olhar... Em televisão não tem jeito: o texto, todo mundo vê, mas a expressão facial com que você dá a notícia, ou o tom, é você que escolhe.

Você é a favor da obrigatoriedade do diploma?

Sim. Advogado precisa de diploma, economista precisa de diploma, por que jornalista não? Só porque incomoda alguns? Não acredito que essa medida vá durar muito, acho que logo será revista. Um dia alguém vai acordar. Esse sono profundo vai ter um despertar.

Você nasceu, foi criada e se formou em Juiz de Fora. Atualmente, qual a sua relação com a cidade?

Vivi em Juiz de Fora até terminar a faculdade, aos 21 anos, e fui para o Rio de Janeiro. Morar no Rio era minha meta porque, na época em que me formei, era lá que estavam os grandes jornais, os grandes profissionais. Também fui para lá pelo mar, pela liberdade de morar sozinha. Minha mãe era meu grande vínculo com Juiz de Fora. Quando ela faleceu, em 2008, achei que nunca mais voltaria, mas já lancei livro, ministrei palestra, visitei um amigo, estive várias vezes em Juiz de Fora. Acho que não se deixa de ser mineiro nunca. Mesmo que você invente que deixou de ser, Minas não sai de você. E sou assim com Juiz de Fora também. Tenho orgulho de ser daqui.

GP

HISTÓRIA DO APOGEU AO DESAFIO

31 de maio de 1850: data consagrada como a da fundação de Juiz de Fora; data em que este pequeno povoado às margens do Caminho Novo conseguiu a sua elevação à condição de Vila. Sabe-se hoje que sua história não se iniciou com essa nomeação e que o pequeno povoado já possuía, no mínimo, uns 20 anos de existência anteriores à formação da Vila. Ponto de passagem de homens e mercadorias das minas à capital do Império e vice-versa, Santo Antônio do Paraibuna foi aos poucos se tornando o lugar, a casa e a paróquia de muitas gerações de nativos, portugueses, africanos e, finalmente, brasileiros.

Localizada ao sul da Mata Mineira, essa região acolheu gente vinda das minas já esgotadas, pequenos e médios produtores de alimentos em busca do ouro verde do café, bem como foi palco da tragédia humana da escravidão, recebendo ainda africanos, mas, em grande maioria, escravos já nascidos em solo brasileiro. A consolidação enquanto importante município das Minas Gerais não tardaria a acontecer. Na década de 1870, a cidade já possuía uma estrada de rodagem, telégrafo, imprensa e uma ferrovia a encurtar os caminhos e a baratear os custos do transporte do café.

Sua população era diversa. Nela conviviam alemães, portugueses e os já nacionais, e não tardariam a chegar os sírios, libaneses, italianos e outros poucos estrangeiros. Mais uma vez a cidade tornou-se palco em que entraram em cena vários atores com suas diferentes habilidades e contribuições: as cervejarias alemãs, a arquitetura italiana, o comércio libanês e português e as atividades agrícolas assentadas sobre os descendentes africanos, todos grupos ricos em suas manifestações culturais, artísticas e religiosas.

Na primeira metade do século XX, a cidade conviveu com o apogeu e o declínio de sua vocação industrial. De importante polo industrial nas primeiras décadas do século, perpassou por um período de esgotamento de investimentos e pela presença de fraca modernização de seu parque industrial se comparado a outros centros econômicos mais dinâmicos. Destaca-se, na década de 1960, a fundação da UFJF ao multiplicar empregos e atrair mais uma vez grande número de pessoas, promovendo assim maiores incentivos no setor de mercado e prestação de serviços.

Medidas sucessivas para reerguimento do município foram tomadas, simbolizadas pelos incentivos à fixação de indústrias siderúrgicas e químicas e, nos últimos anos, pela formação de um parque automobilístico. No entanto, em termos econômicos, a cidade ainda padece muitos problemas, em parte reflexo das decisões da política econômica local e, por outro lado, do contexto nacional.

Fica um desafio, não muito distinto daquele vivido por outras cidades brasileiras: manter-se como cidade acolhedora, com boa rede de serviços, mercado, educação e cultura e, por outro lado, estender essas boas condições a toda sua população. É um desafio a ser vencido pelo Poder Público, pelos movimentos sociais e toda população juiz-forana.

Mônica Ribeiro
Professora do Curso de História e do Programa de Pós-graduação de História

CENTRO VITALIDADE URBANA

Os lugares em que vivemos se configuram como cenários da história de cada um de nós, da intimidade protegida da nossa casa à rua compartilhada socialmente. Quando crianças, temos a impressão de que os lugares parecem ser como são apenas para dar colorido às nossas crescentes descobertas do mundo. Depois percebemos que somos infinitamente menores e menos importantes. A cidade nos domina. Mas ela também nos complementa, não se furta ao papel central que desempenha na nossa memória. A cidade é também companheira e amiga, ou, como disse Rosane Araújo, pesquisadora do espaço urbano, "a cidade sou eu", numa alusão à ideia de que hoje somos cada vez mais parte indispensável do todo urbano.

Se as fronteiras do "eu-urbano" se diluíram bastante nas últimas décadas, há ainda algo de universal na experiência contemporânea, um lugar que é comum na partilha coletiva de memórias – o centro das cidades, por ser central para o todo e para todos. Juiz de Fora é bom exemplo da evidência da vida urbana atual, onde o centro é peça arti-culadora de todo o município e até da região. A cidade se organizou em torno do Centro. Expansões, em polos como os bairros de São Pedro e Ben-fica, não esvaziaram a importância desse triângulo formado pelo encontro das avenidas Rio Branco, Getúlio Vargas e Independência.

Duas especificidades concorrem para a vitalidade da área, para a dinâmica desse triângulo e até para as diluições dessa geometria pela expansão da própria centralidade. Uma delas é a densidade urbana, outra, a mistura de usos. Diferentemente de muitos centros metropolitanos, em que os moradores foram gradativamente expulsos, morar perto ou no próprio Centro em Juiz de Fora é possível e valorizado. A presença dessa intensa mistura de usos e densidade é fundamental para a animação da cidade, vista nas galerias que criam novos caminhos e vitrines, novas entradas e saídas do labirinto edificado e também nos espaços públicos como o Parque Halfeld, os cinemas e espaços culturais. É claro que a alta densidade e a mistura de usos não são aspectos inteiramente positivos, trazem também uma série de problemas, por estar num limiar de muita proximidade de colapso, de caos e de decadência, mas não impede que o Centro permaneça poderoso e vital.

Nesta cidade que é mediana para a escala brasileira, a área central que se expande e abriga tantos usos e moradores é referência espacial instigante. O Centro de Juiz de Fora é assim, faz convergir para ele as atenções e ao mesmo tempo modela referências para serem pensadas para fora dele. No longo caminho de consolidação da cidade, novas demandas ampliam os domínios urbanos. Mas o Centro permanece de um jeito ou de outro, seja pela arquitetura que já se tornou patrimônio da história e sobretudo pelo uso que se faz da urbe quando recorremos ao Centro (microcosmos) para entender a cidade, o mundo à nossa volta (macrocosmos) e a nossa experiência compartilhada (eu-urbano).

Antonio Colchete Filho
Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da UFJF

Cartões postais se **Juiz de Fora: imagens do passado** de Douglas Fucolato.

JUIZ DE FORA 160 ANOS

"Atenas Mineira", "Manchester Mineira", "Princesa de Minas". Muitas foram as expressões cunhadas para designar Juiz de Fora, cidade-polo de referência da Zona da Mata que completará 160 anos no dia 31 de maio. Uma terra pela qual passaram inúmeros tropeiros viajantes, lugar em que estiveram ambiciosos barões do café, em que grandes artistas nasceram e ricos industriais viveram. Falar de Juiz de Fora é voltar aos tempos da mineração e da Estrada Real, compreender o funcionamento da economia cafeeira, entender a ascensão e o declínio da fase industrial.

Para o professor Anderson Pires, doutor em História Econômica, "Juiz de Fora teve um passado econômico muito mais significativo do que a realidade que vive hoje, inclusive para o conjunto de Minas Gerais". Até o início do século passado, o município exercia a função de centro comercial e industrial do estado – condição alcançada, em grande parte, em decorrência da economia agrícola de exportação que se desenvolveu por aqui a partir de meados do século XIX. "O estado chegou a atingir o segundo lugar do país em produção cafeeira, principalmente devido à região da Zona da Mata, nucleada por Juiz de Fora", ressalta Pires.

No entanto, esse processo de dinamismo econômico entrou em crise irreversível a partir da década de 1920. "O cultivo era geralmente feito em grandes propriedades, onde se derrubava mata virgem e plantava-se o café. O problema era que, quando a cultura envelhecia, o solo ficava completamente inutilizável", explica o pesquisador. Com a crise da economia cafeeira, a industrialização também enfraqueceu. "Se o dinamismo industrial tinha sido provocado pela produção de café, a partir de 1930 as indústrias não conseguiram se manter por si mesmas e também entraram em declínio. "As fábricas não suportaram a concorrência com a produção de São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo o sociólogo Carlos Alberto Botti, diretor do Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), outro fator que teria levado à queda da industrialização na cidade foi a construção da estrada Rio-Bahia, que desviou o tráfego de toda a região para o porto da então capital da República. "Juiz de Fora era um entreposto, o que provocava grande circulação de dinheiro", observa.

IDENTIDADE

O fato de ser um local de passagem foi, desde o início, determinante para a constituição da cidade – que surgiu como uma parada de tropeiros em volta do Caminho Novo da Estrada Real. Para a jornalista Christina Musse, autora do livro *Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano – Exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*, a ideia de trânsito foi uma marca que se manteve ao longo do tempo. "Essa é, até hoje, uma das principais características da cidade, situada perto de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo."

A proximidade com a capital fluminense, aliás, contribuiu para estabelecer o caráter híbrido da identidade juiz-forana. "Sempre tivemos uma vinculação econômica, cultural e afetiva muito forte com o Rio de Janeiro", salienta Christina. Além disso, por ter se tornado cidade apenas em meados do século XIX, Juiz de Fora tem poucas ligações com o passado do Barroco, das igrejas, da extração de ouro e de pedras preciosas – elementos geralmente identificados como característicos da "mineiridade". Ao contrário, "a cidade corresponde a tudo aquilo que identificamos com o pós-modernismo e a globalização", define a jornalista.

Prova disso é o forte cosmopolitismo que marca a cidade. "Juiz de Fora não pertence a lugar nenhum, não tem um sotaque próprio e abriga pessoas de diferentes regiões", sentencia o cineasta juiz-forano Marcos Pimentel. Para ele, assim como a cidade acolhe "forasteiros", ela também espalha seus nativos pelo mundo. "Muitos juiz-foranos envolvidos com arte e cultura começam por aqui, mas terminam indo para um lugar maior, a fim de dar continuidade ao trabalho", explica. "Essas pessoas alimentam um amor muito grande pela cidade e estão sempre falando de Juiz de Fora onde quer que estejam."

QUALIDADE DE VIDA

Se culturalmente Juiz de Fora é marcada pela heterogeneidade, socialmente o equilíbrio é dominante. "A cidade tem uma distribuição de renda bastante equânime", afirma o sociólogo Carlos Alberto Botti. "Além disso, o custo de vida aqui é relativamente baixo se comparado ao de outras cidades do mesmo porte." Isso possibilita aos habitantes usufruírem de maior qualidade de vida com menos dinheiro.

Atualmente, o setor mais expressivo da economia no município é o da prestação de serviços, que se estende a toda a região da Zona da Mata. "É aqui que as outras cidades da região não só investem, como formam seus filhos e fazem suas compras", explica o cientista político Raul Magalhães. Politicamente, a cidade também exerce papel de relevância pelo fato de ser uma área populosa – e, em consequência, com muitos eleitores. "Pudemos comprovar isso nas últimas eleições para prefeito, quando o governador do estado marcou forte presença aqui", recorda-se Magalhães.

DESAFIOS

Jornalista veterano, Wilson Cid foi testemunha de todas as transformações pelas quais a cidade passou nas últimas cinco décadas. Para ele, a maior mudança se deu com a criação da UFJF em 1960. "A Universidade fez de Juiz de Fora uma referência de educação em ensino superior", avalia. Já no campo da cultura, o jornalista destaca a fundação do Centro Cultural Pró-Música como grande acontecimento. "É uma iniciativa privada que fez muito pela cidade."

Quanto ao futuro, ele acredita que os principais desafios decorrerão do crescimento populacional. "A tendência é de que o número de habitantes aumente consideravelmente nos próximos anos, gerando um problema de falta de espaço físico na cidade. Somos um vale, não temos para onde crescer", alerta. Segundo ele, a disparidade entre o nível de desenvolvimento de Juiz de Fora em relação às cidades vizinhas atrairá um grande número de pessoas, que virá para cá viver, estudar, trabalhar. "Não temos estrutura para suportar isso, nem recursos próprios para criar essa estrutura", avisa. "Precisaremos de apoio dos governos estadual e municipal."

Falar de Juiz de Fora é retornar ao passado para entender o presente. Mas é, também, lançar um olhar sobre o futuro, apontando soluções para as questões que deverão surgir nas próximas décadas, para que os tempos que estão por vir sejam tão frutíferos em histórias quanto foram esses últimos 160 anos. GP

Cartões postais de **Juiz de Fora: imagens do passado** de Douglas Fazolato.

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.oversec.com.br

07 a 15.05 *Festival America Cantat*
21.05, 21h *Erasmo Carlos*
28.05, 19h *Futebol*, Melhores do Mundo
29.05 *Lúdica Música*

FORUM DA CULTURA
Rua Santo Antônio, 1.112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufjf.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

MUSEU DE CULTURA POPULAR
04 a 29.05 *Nossa Senhora*

GALERIA DE ARTE
04 a 16.05 *Instantes* – Ana Luísa Affonso
18 a 30.05 *Olhos Deslocados* – Sara Manso e João Luiz Miranda

TEATRO
23.04 a 04.07 *No reino de Nunca Dantes* – Espetáculo infantil de José Luiz Ribeiro
Sábados e domingos, às16h45

MAMM
MUSEU DE ARTE MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufjf.br
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES
Esculturas na coleção Murilo Mendes
Galeria Poliedro

MAURICIO BENTES – Esculturas
Galeria retratos-relâmpago

FAYGA OSTROWER: a música silenciosa da gravura
Galeria Convergência

FAYGA OSTROWER, S/Título (detalhe), 1998, serigrafia, 60x40 cm

FAYGA OSTROWER TRAÇO, LUZ E COR

Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, ceramista, escritora, teórica da arte e professora: a trajetória eclética de Fayga Ostrower é apenas um dos elementos que a tornam uma das figuras mais expressivas das artes plásticas brasileiras. Tal expressividade levou o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) a organizar a exposição *FAYGA OSTROWER : a música silenciosa da gravura* em homenagem à amizade do poeta com a artista plástica.

O acervo de Murilo conta com três obras de autoria da artista – uma delas, inclusive, dedicada ao Centro de Estudos Murilo Mendes, em ocasião do centenário do nascimento do escritor. A estas obras uniram-se outros trabalhos cedidos pelo Instituto Fayga Ostrower, no Rio de Janeiro, que compõem a mostra que reverencia a memória daquela que é apontada por muitos como a grande dama da gravura brasileira. Entre outras raridades do acervo do MAMM, que integram a mostra, está um exemplar de Manuel Bandeira da década de 50, no qual Fayga ilustra um de seus poemas em edição artesanal, de folhas avulsas, da Editora Hipocampo.

Apesar de Fayga ter se dedicado a diversas outras formas de expressão – trabalhou também com estampas para cortinas, roupas, sofás e cenografia –, a gravura se tornou extremamente recompensadora à artista e grande parte dos quadros de *A música silenciosa da gravura* são litografias: séries correspondentes ao período em que ela começava a fase abstrata de sua carreira, nas décadas de 50 e 60. Autodidata, Fayga começou a desenhar ainda criança e se tornou uma das artistas plásticas mais atuantes do século XX no Brasil. Faleceu em 2001, com problemas graves de visão, que a impediam de trabalhar, e com um livro incompleto.

FAYGA OSTROWER, S/Título, 1981, litografia, 60x40 cm

POESIA E ARTE

É possível mapear o relacionamento entre Murilo e Fayga através da extensa correspondência que trocaram ao longo de suas carreiras. Depois de participar de um curso de artes gráficas, Fayga iniciou seu trabalho artístico produzindo ilustrações para suplementos literários dos jornais do Rio de Janeiro, onde pôde conhecer a obra, entre outros poetas e escritores, de Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e, em torno de 1950, de Murilo Mendes.

Depois de sua primeira exposição, em 1954, Fayga recebeu severas críticas quanto a seu trabalho ter se tornado meramente decorativo, sem se preocupar com as considerações existenciais e ideológicas presentes na década de 50. Murilo, que também passava por transformações em sua obra, se revelou ótimo ouvinte e amigo, com quem dividia as dúvidas relativas à arte, ao estilo e à expressividade.

"Murilo Mendes era uma das raras pessoas com quem eu podia falar sobre essas coisas, pois ele tinha uma visão muito mais ampla e muito mais profunda de liberdade, de compromisso ético consigo mesmo, de um humanismo maior, do qual faziam parte todas as expressões artísticas", escreveu no centenário do poeta. "Ele foi, além de um poeta, um grande humanista."

A DAMA DA GRAVURA

Inicialmente, os trabalhos de Fayga eram, em grande parte, figurativos, descritivos e de temática social. Influenciada desde o início da carreira pelo expressionismo alemão, chegou a absorver também as primeiras manifestações do cubismo. Na década de 50, optou pela gravura, técnica austera, que exige firmeza da mão e, constantemente, não admite o poder de voltar atrás nas decisões. Nos seus escritos, afirmou: "Desde que vim a conhecê-la, a gravura me pareceu ser a música de câmara das artes visuais."

Depois de abandonar a figuração, a artista caminhou para composições mais abstratas, nas quais luz, linhas e cores ganharam dimensões inesperadas. A obra de Paul Cezanne exerceu grande fascínio e contribuiu para esse estilo abstrato. Utilizava as mais diversas técnicas da gravura, como xilogravura, gravura em metal, litografia e serigrafia, que proporcionaram efeitos de cores e formas inimagináveis. Todos os seus trabalhos, incluindo livros e pinturas, estão impregnados de humanismo, que resulta do entrelaçamento da arte com a psicologia.

Para compor o catálogo da exposição organizada pelo Ministério de Educação e Cultura, em 1956, Murilo também dedicou um texto à gravurista, no qual afirmava que tal ofício não permitia as surpresas do acaso reservadas ao pintor. "Mais de uma vez examinando de perto suas gravuras, pude sentir no papel a madeira de onde ele provém. A solidez da técnica de Fayga determina o levantamento de estruturas em que não se observam nunca espaços vazios."

GA

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA **Reitor** Henrique Duque de Miranda Chaves Filho **Vice-reitor** José Luiz Rezende Pereira **Pró-reitor de Cultura** José Alberto Pinho Neves CINE-THEATRO CENTRAL **Conselho** Eduardo Sérgio Leão de Souza, Karla Beatrix Grande Pancini, José Alberto Pinho Neves, Lênio de Paula Mota, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos **Supervisor administrativo** Marcelo do Carmo Rodrigues **Supervisor de produção** Paulo Roberto Soares de Oliveira

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. **Jornalista responsável** Nelma Fróes **Edição** Izaura Rocha **Diagramação** Ligia Lacerda **Bolsistas** Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF) **Fotógrafo** Alexandre Dornelas **Colaboração** Mônica Ribeiro, Antonio Colchete Filho **Revisão** Darlan Lula, Mariana Campos www.theatrocentral.oversec.com.br (32) 3215-1400.